

etc.) entre os quais era possível escolher e aos quais muitos – mas não todos, felizmente – aderiram com um fervor vizinho à irracionalidade.

Sem desmerecer os méritos destes pioneiros – que sem dúvida são numerosos e veneráveis – é evidente que a conjunção dos dois aspectos acima mencionados não poderia resultar em algo muito diverso daquilo que encontramos nas teorias e nas interpretações do Brasil emanadas destes pensadores: em graus diferentes, um determinismo “racial” de pesadume atroz, que somente a extensa generosidade, ou a extremada reverência dos organizadores de *Raça como questão* poderia qualificar de... “racialista”.

MAYBLIN, Maya. 2010. *Gender, catholicism and morality in Brazil. Virtuous husbands, powerful wives*. Palgrave, New York: Macmillan. 212 pp.

Flavia F. Pires

UFPB

Maya Mayblin é uma jovem antropóloga inglesa, professora da Universidade de Aberdeen, na Escócia, que vem trabalhando questões ligadas à antropologia da religião. O livro é o resultado da sua tese de doutorado em antropologia defendida em 2005, na London School of Economics and Political Science (LSE), sob a orientação do professor Peter Gow.

Já em seu início, no Capítulo 1, o livro convida o leitor a realizar um deslocamento ao lado da própria pesquisadora pelos confins do Nordeste. Ele é levado a montar na garupa do mototaxista que leva Maya a Santa Rita, agreste pernambucano. Logo somos tragados pelo realismo etnográfico – recurso que a autora volta a utilizar ao longo do livro –

e pela exposição poética “do estive lá”, no melhor estilo malinowskiano: a moto é a canoa de Maya.

A autora parte da antropologia do cristianismo e adentra na questão de uma aparente contradição moral na vida de camponeses católicos em Santa Rita: como manter-se “perto de Deus” ao mesmo tempo em que é preciso ser produtivo (trabalhar), o trabalho implicando “conhecimento”, contrário à “inocência” e à “pureza”, que seriam características das crianças e o ideal de religiosidade. Crescer envolve deixar para trás a “inocência” e os anos prazeros da infância, tomar para si o peso da reprodução familiar (material e em relação à descendência), o que não é um problema, mas um desafio para a população, que resulta em uma forma particular de ser católico, atualizando um paradoxo moral fundante do cristianismo: como ser bom depois do pecado original de Adão e Eva. O casamento, ou a vida conjugal, é o lugar onde esse paradoxo e esse desafio são atualizados com toda a sua dramaticidade (Capítulos 2 e 5).

Chama a atenção o uso, ainda pouco comum na antropologia, de estudos teológicos, o que tem sido feito no Brasil por Otávio Velho e alguns de seus alunos, como Marcelo Camurça, nos quais a teologia não é apenas objeto de pesquisa, mas possível parceira no entendimento das questões religiosas.

Além disso, o livro tem o potencial de realizar um diálogo com a literatura antropológica nacional que, no que diz respeito ao campesinato, produziu debates importantes através dos estudos de Otávio Velho, Moacir Palmeira, Lygia Sigaud, Beatriz Heredia, Maria Isaura de Queiroz, dentre outros, e de autores mais recentes, como John Comerford e Ana Claudia Marques, alguns deles citados ao longo do livro.

A autora nega-se a pensar gênero do ponto de vista de um antagonismo femi-

nino e masculino, ecoando os trabalhos de Marylin Strathern. Antes de serem homem ou mulher, as pessoas são seres morais (Capítulo 5). Embora por caminhos diferentes, homens e mulheres fazem da sua vida uma tentativa para se tornarem pessoas moralmente elevadas. Isto se dá essencialmente através do trabalho, da labuta cotidiana.

Nessa empreitada, o idioma é o sofrimento que leva ao reconhecimento de uma mulher "sofredora" ou de um homem "trabalhador", como ícones ou modelos a serem seguidos. É por meio do trabalho que o homem se redime, e é através do sofrimento do parto, da criação dos filhos e dos desgostos da vida de casada que a mulher se redime (Capítulo 3 e 4). A "rezadeira" é um exemplo desta performance do sofrimento entre as mulheres.

Embora não se filie à antropologia da criança, a autora traz uma contribuição importante (Capítulo 6) para o entendimento do processo de tornar-se adulto. O "casamento do matuto" e o que ela chama de "jogos de linguagem" (*speech games*) são performances que colocam o mundo da criança em contato com o mundo do adulto, ensinando de maneira pouco ortodoxa os desafios da vida adulta e permitindo um aprendizado da moralidade, conduzindo as crianças da "inocência" para o "conhecimento" (sapiência).

Toda a discussão sobre o casamento, assim como sobre o namoro, merece destaque pela riqueza etnográfica (Capítulo 2). A pilha de tijolos aumentando indica o comprometimento do rapaz para com a moça casadoura; a festa de forró onde os casais casados não dançam, mas observam os casais de namorados bailando com paixão; o chá de panela; a fascinação dos rapazes pelas motos e dos homens casados pelos carros – ícones da mobilidade masculina em contraste com a fixação doméstica feminina; a

potencialidade destrutiva do casamento – "desgosto", "traição", "violência". Tudo isso é entendido a partir dos desafios espirituais colocados pelo casamento que, embora seja considerado o caminho desejável pela população, coloca grandes dificuldades para uma vida "perto de Deus", uma vez que facilita o "orgulho" (feminino), o "ciúme" (masculino) e a "luxúria" (de ambos).

No decorrer de todo o livro, Maya esforça-se em compreender como atos de extrema violência cometidos por maridos contra suas esposas possam ser considerados pela população como atos perdoáveis, como um assassinato sanguinolento ou um incêndio provocado na casa em que estavam a esposa e os seis filhos do casal. É pelo trabalho em prol da família que se reconhece um homem que ama os seus. Desta forma, embora tenha cometido uma atrocidade do ponto de vista espiritual, ele não se torna um *out-cast*. Na verdade, afirma ela, o maior perigo do casamento para o homem é sua morte social – ou virtual (:143), advinda da traição da esposa. E para a mulher, de outro lado, é a morte física. Desta forma, ele mata a mulher porque já estava morto, desprovido do gosto pela vida, sem a possibilidade de frequentar os espaços e os momentos definidores da masculinidade (os negócios, o bar). No entanto, ao matar a mulher, ele não volta à vida, mas penitencia-se cotidianamente revivendo o ato funesto ao habitar a mesma casa onde assassinou sua esposa.

Revertendo a ideia de Marit Melhuus (:139-145) sobre mulheres virtuosas e homens poderosos (machos), relativamente comum na literatura sobre gênero na América Latina, Maya mostra como as mulheres também exercem poder sobre os homens e cometem atos de violência deliberada contra eles. Trata-se de pensar, a partir do entendimento nativo, que a beleza feminina exerce poder sobre os

homens e que a maior violência que pode ser exercida contra um homem é a traição (:137). Neste sentido é que chegamos ao título: mulheres poderosas e homens virtuosos.

É da perplexidade da autora diante dos atos citados que nasce o livro. Seu esforço interpretativo é, sem dúvida, marcante. Entretanto, Maya nos leva a questionar em que medida explicar e entender podem levar a uma postura protecionista. Embora entender não implique necessariamente reconhecer como aceitável, o assunto reverbera a crítica ao relativismo e nos coloca a questão dos limites da tentativa de compreensão antropológica.

Algumas afirmações ou suposições trazidas pela autora refletem a minha própria experiência de pesquisa de campo na Região Nordeste (semiárido). Se aos olhos de uma nativa (antropóloga brasileira, moradora no Nordeste) algumas afirmações possam ser consideradas imprecisas (:28, 31, 33, 60, 62, 74-76, 155), isto nos leva sobretudo a interpelar as limitações do conhecimento antropológico – próprias da experiência etnográfica – e não o livro em questão.

Sem ecoar a crítica de Derek Freeman a Margaret Mead, em alguns momentos parece que a autora se deixou levar pelos seus nativos, quiçá, tenha sido encantada por eles... Esse encantamento, que parece ter ocorrido, não impediu, no entanto, que a pesquisa fosse realizada – como também aponta Lévi-Strauss a respeito da obra de Marcel Mauss – mas deve ser endereçado. *Marcia, Lucinha, Lourdinha, Seu Mané, Seu José, Amauri, Dida, André* estão, sem dúvida, presentes no livro e, como gostaria a autora, ali podem se reconhecer (:40).

Enfim, a sutileza das informações trazidas, talvez mesmo pelo exotismo da situação etnográfica colocada para a pesquisadora, faz do livro uma complexa e

bem-sucedida tentativa de compreensão da vida familiar e dos conflitos cotidianos no agreste nordestino. Gostaria de terminar a resenha recomendando vivamente a leitura do livro, que vai certamente interessar àqueles que se dedicam às áreas de estudo da religião, do gênero e das crianças, sendo ele o resultado de anos de pesquisa dedicada e trabalho sério. Sem dúvida, fazer antropologia "É luta, comadre!".

STARK, David. 2009. *The sense of dissonance: accounts of worth in economic life*. Princeton: Princeton University Press. 264 pp.

Gustavo Onto

Pesquisador do Núcleo de Pesquisas em Cultura e Economia, NuCEC/PPGAS/Museu Nacional/UFRJ

Campo de alguns dos mais interessantes trabalhos nas ciências sociais contemporâneas, a socioantropologia da economia tem sido influenciada pelas mais diversas correntes da teoria social. Os *science studies*, a sociologia da crítica francesa, a sociologia da cultura, a sociologia organizacional e a análise de redes sociais são apenas algumas dessas correntes ou abordagens que tornam os estudos sociais da economia tão controversos e prolíficos. Entretanto, essa multiplicidade de perspectivas, ou dissonâncias, como coloca o sociólogo David Stark, levou à criação de programas de pesquisas que pouco se relacionam, que acabam por prejudicar o desenvolvimento do campo como um todo. O novo livro do mencionado professor da Universidade de Colúmbia procura criar esse diálogo, especialmente entre as vertentes francesas e norte-americanas. Seu trabalho, que reúne pesquisas ilustrativas de parte